

JOHN-PAUL FLINTOFF

# COMO MUDAR O MUNDO

*How to Change the World*

Traduzido do inglês por  
Maria João Camacho





# Conteúdos

<b>I. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>II. COMO COMEÇAR A FAZER A MUDANÇA</b>	<b>17</b>
<b>1. ULTRAPASSAR O ESPÍRITO DERROTISTA</b>	<b>19</b>
<b>2. O QUE NOS MOVE?</b>	<b>33</b>
<b>3. ALGUMAS IDEIAS SOBRE ESTRATÉGIA</b>	<b>51</b>
<b>4. PRESTAR TESTEMUNHO</b>	<b>69</b>
<b>5. DO QUE IRÁ NECESSITAR</b>	<b>77</b>
<b>6. O PRIMEIRO PASSO</b>	<b>83</b>
<b>III. O QUE É NECESSÁRIO MUDAR E COMO</b>	<b>95</b>
<b>1. JUNTE UM POUCO DE BELEZA... E DE BOA DISPOSIÇÃO</b>	<b>97</b>
<b>2. ONDE ENCAIXA O DINHEIRO?</b>	<b>105</b>
<b>3. TORNAR APELATIVO</b>	<b>119</b>
<b>4. O AMOR AJUDA</b>	<b>131</b>
<b>5. ASPIRE A UM PRÉMIO DE PAZ</b>	<b>139</b>
<b>IV. CONCLUSÃO</b>	<b>155</b>
<b>TRABALHOS DE CASA</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE: 198 FORMAS DE AGIR</b>	<b>171</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>182</b>



# I. Introdução



Se tivesse oportunidade, mudaria o mundo? Claro que mudaria. Se lhe dessem uma varinha mágica, certamente que de imediato mudaria inúmeras coisas.

Afinal de contas, o mundo necessita, urgentemente, de melhorias. Tantas que não são raras as vezes em que ficamos a revirar-nos na cama, horas a fio, sem conseguir dormir. Durante o dia, praguejamos e suspiramos perante as coisas mais insignificantes que nos parecem erradas. Embora, nos momentos mais otimistas, nos permitamos sonhar, imaginando mundos paralelos que parecem absolutamente maravilhosos.

Porém, e independentemente da nossa disposição, muitas vezes chegamos à conclusão de que mudar o mundo seria uma tarefa árdua, se não mesmo impossível. E, por isso, nem sequer nos damos ao trabalho de tentar.

O que é uma pena, porque contribuir ativamente para a mudança também nos beneficia enquanto indivíduos: descobrimos reservas mais profundas de empatia e oportunidades para sermos criativos e podermos cultivar um hábito de intrepidez. E mais: ao que tudo indica, mudar o mundo produz uma sensação duradoura de satisfação – não só

quando ‘terminamos’ a tarefa, como se isso fosse possível, mas a cada etapa da mesma.

Se leu até aqui, significa que está interessado em mudar o mundo. Revela até que acredita poder dar o seu contributo. Contudo, nem toda a gente sentirá essa confiança. Nesse caso, será importante referir que as ideias apresentadas neste livro estão validadas pela sabedoria antiga e pela mais recente investigação científica. Não são ideias meramente teóricas, mas assentes em factos históricos: está provado que funcionam. Quando concluir a leitura, o leitor não só deverá estar preparado para levar a cabo a mudança, como ainda mais determinado a fazê-lo.

O livro está repleto de episódios de todas as épocas da História e de todas as partes do mundo, que servem para fundamentar a análise. Alguns desses episódios revestem-se de um grande significado histórico, mas o livro também inclui algumas histórias da minha vida ou de pessoas que conheço, precisamente com o intuito de mostrar que mudar o mundo não é apenas tarefa para ‘almas grandes’ como Gandhi, Madre Teresa ou Nelson Mandela.

Não vou apresentar desculpas por recorrer a essas histórias pessoais. Pelo contrário, seria incorreto argumentar que todas as pessoas são capazes de contribuir para a mudança e não mencionar algumas das minhas experiências. Não são nem pretendem ser exemplos excepcionais, são apenas vivências minhas. A teoria feminista ensina que ‘o pessoal é o político’; se assim for, então os testemunhos que o evidenciam deverão parecer, quase por definição, consideravelmente vulgares. Contudo, não deixam de ser testemunhos e revelam que as ações quotidianas de indivíduos ‘comuns’ têm potencial para mudar o mundo.

O objetivo deste livro não se resume a oferecer umas quantas propostas intelectuais para o leitor reter. Na verdade, aprendemos melhor quando aplicamos os conhecimentos e um livro como este apenas se torna útil se o colocarmos em prática. À medida que o for lendo, procure perceber de que modo o pode aplicar à sua situação em concreto.

E depois passe à ação.



## II. Como Começar a Fazer a Mudança



# 1. Ultrapassar o espírito derrotista

Como poderei eu, um indivíduo num mundo habitado por milhões e milhões de indivíduos, ter esperança de mudar alguma coisa? São numerosas as razões que levam a que este tipo de pensamento derrotista surja com tanta facilidade. Entre elas encontra-se a forma como fomos educados, uma vida inteira a confrontarmo-nos com coisas que nos deixam frustrados ou desanimados e memórias penosas de tentativas falhadas de Fazer Alguma Coisa.

Mas o facto é que estamos constantemente a fazer a diferença. O problema é que, se estamos a influenciar as coisas apenas de forma inconsciente, então é provável que não estejamos a produzir o efeito que pretendemos.

Algumas pessoas terão dificuldade em acreditar que estão sempre a fazer a diferença. Para combater essa ideia, há que abandonar por momentos a perspectiva global e olhar para as interações humanas do dia-a-dia – onde gastamos cada minuto quer a decidir o que acontece em seguida, quer a deixarmo-nos levar pelas ideias dos outros. De uma forma ou de outra, todas as nossas ações são decisivas e todas produzem efeitos. Podemos alegar que a nossa vida quotidiana não é material para os livros de História. Com efeito, se a compararmos com a invasão da Grã-Bretanha por Júlio

César, com o saque de Bagdade por Gengis Khan ou com a descoberta da América por Cristóvão Colombo, certamente que não. É assim que muitas pessoas encaram a História: “A História Mundial não é outra coisa que não a biografia de grandes homens,” escreveu Thomas Carlyle. Porém, a teoria da História dos “grandes homens” entrou em desuso há muitos anos. Atualmente reconhecemos que esses homens jamais teriam conseguido fazer sozinhos aquilo que fizeram; e reconhecemos valor histórico em episódios que até agora tinham permanecido ignorados.

O escritor russo Leão Tolstoi foi um dos primeiros a constatar que a História deveria ser considerada mais exatamente o efeito combinado dos muitos pequenos atos quotidianos de indivíduos comuns: “Um número infinitamente grande de ações infinitamente pequenas.”

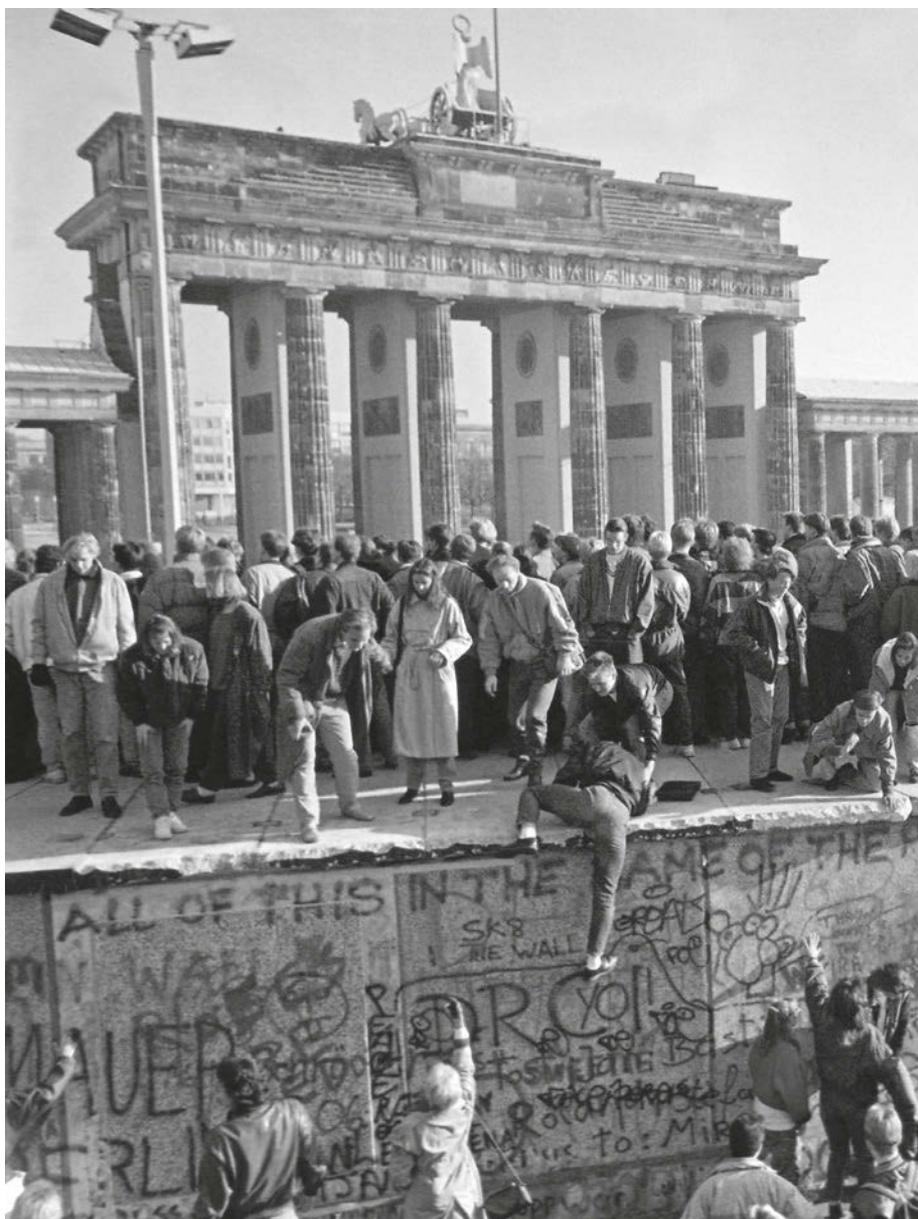
Segundo Tolstoi, fazemos História a partir do momento em que nos levantamos de manhã, até que nos deitamos à noite. E não são apenas as coisas que *realizamos* que fazem a História, mas também aquelas que não realizamos. O que se revela óbvio se pensarmos, por exemplo, no facto de votarmos, ou não, numa determinada eleição. E, se formos ainda mais longe nesta conclusão lógica, deduzimos que, até mesmo *depois* de nos deitarmos, fazemos a diferença, porque estamos a dormir em vez de estarmos a trabalhar toda a noite num manifesto político verdadeiramente devastador ou a percorrer as ruas para levar alimento aos sem-abrigo.

O que, a bem da verdade, nada tem de errado, pois todos precisamos de dormir. Contudo, a visão de Tolstoi exige que *todos* reconheçam a sua responsabilidade pela situação em

que tudo se encontra. “Todos nós somos absolutamente essenciais e totalmente insubstituíveis”, defende Leonard Peltier, o ativista índio norte-americano. “Cada um de nós é o voto decisivo na amarga batalha eleitoral que está a ser travada entre as nossas melhores e as nossas piores possibilidades.”

E, no entanto, a velha ideia que nos foi inculcada, ao longo de toda a escolaridade, de que a História diz respeito às ações de indivíduos dominantes, é difícil de afastar. Com efeito, parece que até mesmo nas democracias ela é positivamente encorajada. No vigésimo aniversário da queda do Muro de Berlim, os “líderes mundiais” deslocaram-se à Alemanha para proferir discursos às massas atentas.

É surpreendente que aqueles líderes mundiais tenham comparecido para ficar com os louros de ter tomado parte naquele acontecimento histórico em particular, quando pouca ou nenhuma influência tiveram na queda do Muro. Na realidade, a barreira que separava Berlim Ocidental e Berlim Leste foi derrubada porque muitos berlinenses comuns fizeram uma coisa muito insignificante: tendo testemunhado que o “poder popular” havia operado mudanças significativas em vários países vizinhos, e na sequência de fortes protestos noutras partes da Alemanha de Leste, limitaram-se a aparecer junto à fronteira para verem o que estava a acontecer. Os soldados que se encontravam no posto de controlo, não só intimidados como conscientes do que acontecera recentemente nos países vizinhos, franquearam-lhes a passagem, permitindo que atravessassem livremente de um lado para o outro da cidade. Pouco tempo depois, tendo deixado de ser uma barreira efetiva, o Muro foi deitado abaixo. O facto de os “líderes mundiais” terem ficado com os louros em nada diminui o feito, mas revela que,



O Muro de Berlim: quando começaram a juntar-se muitas pessoas, os soldados tiveram de as deixar passar.



quando se trata de mudar o mundo, não podemos esperar, necessariamente, que sejamos reconhecidos por isso.

Quando falamos sobre os diferentes aspectos em que o mundo nos deixa frustrados, é frequente utilizarmos termos como 'o sistema' ou 'o *status quo*' e, encolhendo os ombros, queixarmo-nos da nossa impotência. Podemos fazer isto se a nossa cidade estiver cortada ao meio por um grande muro, impedindo-nos de conviver com familiares e amigos, mas também perante dificuldades bem menores. Imaginemos, por um momento, que pretendíamos fazer uma festa na rua, mas descobríamos que regulamentos municipais perfeitamente mesquinhos, e delineados para fins totalmente diversos, nos impediam de a levarmos a cabo: desistíamos. Com termos tão abstratos como 'o sistema' e 'o *status quo*' pode ser difícil descortinarmos a nossa própria cumplicidade com o problema. A verdade é que temos uma escolha: podemos tentar mudar os regulamentos que nos levantam obstáculos ou até mesmo ignorá-los. A escolha é inteiramente nossa.

Colocando esta questão de modo a que uma criança possa compreender: imagine que o *status quo* é um rei poderoso. Feche os olhos e tente visualizá-lo. Como é que sabe que é um rei poderoso? Será que é porque tem uma grande coroa? Um trono de ouro? Não, isso apenas nos diz que se trata de um rei. Como sabemos, então, que é *poderoso*? Vendo as pessoas que o rodeiam, deitadas de bruços e a tremer. É o comportamento delas que faz com que o rei pareça poderoso, não o comportamento dele. Se elas se erguessem, lhe voltassem as costas e comesçassem a contar piadas, a fumar um cigarro ou a dormir, o mesmo rei imaginário, com a mesma grande coroa e trono de ouro, de imediato deixaria de parecer tão poderoso. Imaginem agora que o rei poderoso é um ator em palco e que os homens que se encontram

prostrados na sua frente são igualmente atores. Um ator que esteja deitado de bruços perante um rei aparentemente poderoso sabe que tem uma alternativa: a qualquer momento, poderá levantar-se e fazer qualquer coisa que tenha um efeito tremendo. Na vida real também temos a capacidade de abandonar o nosso papel habitual e fazer outra coisa; contudo, muitas vezes esquecemo-nos disso – se é que temos consciência dessa capacidade.

Deve-se isto, em parte, à sabedoria convencional e ao tipo de História – a dos reis e rainhas e dos presidentes – que é ensinada às crianças desde a mais tenra idade e que lhes inculca a ideia de que o poder é investido aos que se encontram no topo. Tal como o Feiticeiro de Oz, os pais e os professores levam as crianças a acreditar que eles, bem como outras figuras de “autoridade”, são todo-poderosos. Ao chegarmos à idade adulta, somos levados a crer que os empregadores e os governantes são igualmente todo-poderosos. E enquanto assim acreditarmos, eles sê-lo-ão efetivamente.

Poderá parecer bizarro comparar esta situação quotidiana a um voltar de costas a um rei poderoso, mas muitas pessoas em todo o mundo sentem-se realmente impotentes perante os opressores – sejam eles governantes ou patrões, familiares ou amigos – e poderá ser libertador recordar que, independentemente das consequências, a obediência é, única e exclusivamente, uma escolha nossa.

Tolstoi ficava desconcertado com o facto de as pessoas não reconhecerem isso. Não conseguia conceber como era possível que vulgares camponeses russos, tendo-se alistado no exército do Czar, fossem capazes de matar outros camponeses russos, ou até mesmo os seus próprios pais e irmãos,

simplesmente porque o Czar dava ordens para que o fizessem. Perturbado com esta e outras questões de justiça social, Tolstoi abandonou a vida mundana e retirou-se para a sua quinta. Enquanto aí se encontrava, foi contactado por um jovem indiano politicamente ativo que, na altura, estava a residir na África do Sul. Tolstoi respondeu com a sua “Carta para um Hindu”, que de seguida publicou.

Descrevendo a subjugação da Índia pela Companhia Britânica das Índias Orientais, Tolstoi escreveu: “Uma empresa comercial escravizou uma nação de duzentos milhões. Contem isto a um homem desprovido de qualquer tipo de superstições e ele será incapaz de captar o significado destas palavras. O que poderá significar o facto de trinta mil pessoas, não propriamente atletas, mas indivíduos vulgares e pouco robustos, terem sido capazes de escravizar duzentos milhões de indivíduos vigorosos, inteligentes, competentes e amantes da liberdade? Não será óbvio que estes números significam que... os indianos se autoescravizaram?”

O tal jovem indiano, segundo escreveu Tolstoi, chamava-se Mohandas K. Gandhi e era, tal como ele, detentor de uma formação privilegiada. No entanto, Gandhi tinha sentido na pele o efeito humilhante da injustiça quando, na África do Sul, fora expulso de um comboio por ter a pele escura. Desde então, passou a dedicar a sua vida a combater a opressão. Regressando à sua Índia natal, que na altura se encontrava sob o domínio da Grã-Bretanha, deu início a uma campanha não-violenta pela liberdade.

Gandhi enfatizou a importância da mudança de vontade como pré-requisito para uma alteração dos padrões de obediência e cooperação. Verificou a necessidade de (1) uma mudança psicológica que passasse da submissão passiva ao amor próprio e à coragem, (2) o reconhecimento, por parte

do súbdito, de que a sua cooperação tornava possível o regime e (3) a construção de uma determinação para retirar o apoio e a cooperação e pôr fim à obediência. Gandhi sentiu que estas mudanças poderiam ser influenciadas de forma consciente e tratou, deliberadamente, de torná-las realidade:

“Os meus discursos pretendem gerar ‘descontentamento’, de modo a levar as pessoas a considerarem vergonhoso cooperar com um governo que deixou de merecer todo o respeito e apoio. No momento em que um escravo decide que deixará de ser escravo, as suas grilhetas desprendem-se. Liberta-se e revela o caminho aos outros. Liberdade e escravatura são estados mentais. Por conseguinte, a primeira coisa que cada um deve dizer a si próprio é: Não mais aceitarei o papel de escravo. Não voltarei a obedecer a ordens enquanto escravo e desobedecer-lhes-ei sempre que estiverem em conflito com a minha consciência.”\*

Como seria de esperar, os britânicos ficaram indignados. Ainda hoje há quem considere difícil aceitar a legitimidade da desobediência civil. A lei tem de ser respeitada, poderão argumentar; contudo, assumir essa posição equivale a defender que, assim que o regime de Hitler assumiu o poder, se tornou um dever de todos os alemães obedecer-lhe sem reservas. Atualmente já poucos acreditam nisso. Pelo contrário, a maioria acredita que, sob determinadas condições, a desobediência e a provocação são absolutamente justificadas.

\* *Mahatma Gandhi and Leo Tolstoy Letters*, Mahatma Gandhi (Long Beach Publications/ Navajivan Trust, 1987).

A realidade com que nos deparamos diariamente é que a obediência nunca é universalmente praticada por toda a população. São muitos os que, por vezes, infringem as leis ou quebram regulamentos de pouca importância e há uns quantos que chegam mesmo a fazê-lo frequentemente. Alguns fazem-no por razões egoístas e outros por motivos mais nobres. Casos extremos de desobediência em massa são apenas indícios mais visíveis dessa realidade quotidiana e generalizada.

Se escolheu este livro porque já tem uma ideia para mudar o mundo que envolva, por exemplo, o fabrico de um sapato económico e confortável, poderá ficar um pouco alarmado com a reviravolta que a narrativa entretanto sofreu: a conversa de Gandhi sobre a escravatura mental e a minha própria referência a Hitler. Que terá tudo isso a ver consigo? É certo que não é necessário acreditarmos que somos escravos ou que vivemos numa ditadura para ajudarmos a mudar o mundo. Precisamos apenas de acreditar que há qualquer coisa extremamente errada (como, por exemplo, o custo e o desconforto dos sapatos que encontramos atualmente disponíveis) e decidir que não estamos dispostos a manter essa situação. Se referi a Alemanha nazi, foi com um propósito: demonstrar que, mesmo pensando que os nossos esforços poderão não ser decisivos, é imperioso que tentemos.

Não é raro os cétricos argumentarem que os esforços políticos não-violentos levados a cabo por pessoas comuns de modo algum teriam derrotado os Nazis. Será verdade? Seja como for, o hipotético jamais poderá ser comprovado. Em lugar de se deixar atolar na discussão sobre se a não-violência teria, ou não, derrotado os nazis, Gene Sharp incentiva-nos a refletir sobre se os nazis se terão, realmente, deparado com uma oposição não-violenta, tanto na Alemanha como nos territórios ocupados.

Gene Sharp, um académico que lecionou em Oxford e Harvard, publicou o seu primeiro trabalho – que contou com uma introdução de Albert Einstein – em 1960. No primeiro volume da sua obra-prima *The Politics of Non-Violent Action*, Sharp exige que retiremos os nossos antolhos e que reconheçamos que o poder político é o nosso próprio poder e que não se esgota na urna eleitoral. Nesse livro, e noutros escritos, Sharp fornece-nos um relato surpreendentemente abrangente da resistência não-violenta feita aos nazis, que é frequente ficar esquecida pelos especialistas em História militar.

Os exemplos são demasiado extensos para poderem figurar aqui, mas os parágrafos que se seguem dão uma ideia da variedade de abordagens.

Quando os prisioneiros de uma cadeia polaca começaram a fugir, uma jovem telegrafista arriscou a vida pelo simples facto de não ter enviado uma mensagem a pedir reforços.

Na Noruega, os cidadãos olhavam para os soldados alemães como se eles não existissem e recusavam-se a sentar-se ao seu lado nos transportes públicos. Embora esta atitude possa parecer branda, a verdade é que perturbava profundamente os alemães: ter de permanecer de pé num elétrico, quando havia lugares vagos, tornou-se uma ofensa. Quem poderia imaginar que a moral nazi era tão frágil?

Na Dinamarca, o rei usou uma estrela amarela em sinal de solidariedade para com os judeus, que eram obrigados a usá-las. Quando os oficiais dinamarqueses receberam instruções para reunir os judeus a fim de serem deportados, deixaram escapar a informação, dando aos judeus tempo suficiente para se esconderem. Foram também muitos os dinamarqueses que, ignorando o recolher obrigatório imposto pelos nazis, permaneciam à noite na rua, o tempo que bem lhes apetecia.

Na Holanda, cerca de 25 mil judeus conseguiram esconder-se com sucesso, muitos deles com a ajuda de gentios.

Na Alemanha, um grupo de cidadãos não judeus protestou publicamente depois de os seus maridos e mulheres judeus terem sido levados. O protesto teve lugar no auge da guerra e bem no centro de Berlim. Por incrível que possa parecer, os manifestantes conseguiram aquilo que pretendiam: os seus cônjuges foram enviados de volta para casa e permaneceram em segurança até ao final da guerra.

Em duas ocasiões, os marechais de campo de Hitler viraram-lhe as costas durante reuniões.

Médicos que não aceitavam o regime dispensaram jovens do serviço militar. (Ficaram conhecidos por doutores “Guten Tag”<sup>\*</sup> porque cumprimentavam dessa forma os seus pacientes, em vez de usarem a habitual saudação nazi: “Heil, Hitler”.)

Músicos alemães iludiram a proibição de tocar *jazz* americano, inventando nomes germânicos para as músicas de que gostavam.

A manifestação de oposição a Hitler mais famosa foi organizada pelo grupo da Rosa Branca, que produziu propaganda antinazi e posteriormente a distribuiu, através do correio, por lares espalhados por todo o país, escolhidos ao acaso na lista telefónica. Os folhetos começaram a aparecer em 1942, quando a guerra ainda corria de feição para os alemães. “Não ficaremos calados!” – lia-se num deles. Ou: “Somos a vossa má consciência!” Os folhetos foram encontrados em todos os cantos do país. Ninguém suspeitava que o Rosa Branca era constituído por um reduzido grupo de amigos, residente em

\* Bom dia, em alemão no original. (N. da T.)

Munique. O seu último folheto foi passado, clandestinamente, para fora do país, copiado milhões de vezes e lançado de aviões aliados sobre a Alemanha. As notícias chegaram, inclusivamente, aos campos de concentração. “Quando tomámos conhecimento do que estava a acontecer em Munique”, recordaria, mais tarde, um prisioneiro, “abraçámo-nos uns aos outros e aplaudimos. Afinal de contas, ainda existiam seres humanos na Alemanha.”

Algumas destas ações são quase ridiculamente insignificantes: tocar *jazz* americano! Porém, e como veremos adiante, até mesmo o mais ínfimo ato de subversão tem o poder de inspirar os outros.

Se não tivessem sido estes reveses de pouca importância, o regime de Hitler poderia ter-se revelado bem pior do que acabou por se revelar. Ou, para colocar a questão de outra maneira: se mais pessoas se tivessem atrevido a resistir, as piores atrocidades dos nazis talvez pudessem ter sido evitadas.

Esta referência não pretende julgar pessoas que já viveram há muito tempo, mas sim constituir um desafio para nós próprios, e neste preciso momento. Imaginar que teríamos agido corajosamente se tivéssemos vivido na Alemanha daquele tempo, não será, certamente, difícil; porém, a pergunta honesta que devemos colocar é: haverá alguma coisa que devêssemos estar a fazer *agora*, relativamente a alguma coisa que esteja a acontecer neste preciso momento? Perguntarmo-nos se houve alturas em que soubemos que devíamos ter feito alguma coisa, mas não o fizemos, e recordarmos como isso nos fez sentir mal. E, então, decidirmo-nos a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar voltarmo-nos a sentir dessa maneira.

